



**UNILAB**

**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL  
DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA  
INSTITUTO DE HUMANIDADES  
BACHARELADO EM HUMANIDADES**

**JARDEL FELIPE ROCHA**

**HOMEM NEGRO: ENTRE RACISMO, SOFRIMENTO PSÍQUICO E  
MASCULINIDADES SUBALTERNIZADAS**

**ACARAPE**

**2023**

JARDEL FELIPE ROCHA

HOMEM NEGRO: ENTRE RACISMO, SOFRIMENTO PSÍQUICO E  
MASCULINIDADES SUBALTERNIZADAS

Projeto de Pesquisa apresentado ao curso de Bacharelado em Humanidades da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Humanidades.

Orientadora: Profa. Dra. Joalice Conceição

ACARAPE

2023

**JARDEL FELIPE ROCHA**

**HOMEM NEGRO: ENTRE RACISMO, SOFRIMENTO PSÍQUICO E  
MASCULINIDADES SUBALTERNIZADAS**

Projeto de Pesquisa apresentado ao curso de Bacharelado em Humanidades da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Humanidades.

**BANCA EXAMINADORA**

Apresentado em: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_\_.

---

**Profa. Dra. Joalice Santos Conceição (Orientadora)**

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB

---

**Prof. Dr. Patrick de Oliveira Almeida (Examinador)**

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB

---

**Doutorando Patrick Silva Botelho (Examinador)**

Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ

## RESUMO

O racismo tem causado danos à vida da população negra quando isso não acontece é quase certo que a autoestima é destruída ou mesmo adoecida. Neste sentido, compreender como o silenciamento em relação ao sofrimento psíquico, fruto do racismo acaba por frustrar os planos de homens negros e os deixa inertes diante de sua condição de vida. Diante do exposto, este estudo tem por objetivo investigar, na contemporaneidade, os efeitos do racismo na vida de homens negros que esteve ou está em privação de liberdade, no estado do Ceará. A pesquisa será realizada por meio do método qualitativo, aliado à técnica de grupo focal. A investigação tem como hipóteses demonstrar que o racismo e o sofrimento psíquico têm deixado marcas irreparáveis na vida de homens negros. Para isto, discutiremos a partir da produção intelectual de Lélia Gonzalez (2022), Sueli Carneiro (2023), Neuza Santos Souza (2023), Frantz Fanon (2008), Waldemir Rosa (1998) e Miguel Vale de Almeida (1996). Assim, a realização deste estudo é necessária, uma vez que uma análise crítica situada no sul global da sociedade capitalista pode fazer a diferença na vida de futuras gerações, já que o racismo pode ser o fator-chave para o sofrimento psíquico dessa população acima supracitada. Além disso, nesta investigação buscaremos métodos políticos, clínicos e pedagógicos, a fim de promover uma saúde mental como prática antirracista.

**Palavras-Chave:** Racismo. Sofrimento Psíquico. Homens Negros. Antirracismo.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b>	6
<b>2</b>	<b>PROBLEMATIZAÇÃO</b>	8
<b>3</b>	<b>OBJETIVOS</b>	10
3.1	OBJETIVO GERAL	11
3.2	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	11
<b>4</b>	<b>HIPÓTESES</b>	11
<b>5</b>	<b>JUSTIFICATIVA</b>	12
<b>6</b>	<b>METODOLOGIA</b>	15
6.1	TIPO DE MÉTODO	15
6.2	TÉCNICA UTILIZADA	16
6.3	LOCAL DA PESQUISA	16
6.4	DESCRIÇÃO DAS PARTICIPANTES E CRITÉRIOS DE PARTICIPAÇÃO	16
<b>7</b>	<b>REFERENCIAL TEÓRICO</b>	17
7.1	A COR DO SISTEMA PRISIONAL	17
7.2	SOFRIMENTO PSÍQUICO E PRIVAÇÃO DE LIBERDADE	19
7.3	DUPLO ESTIGMA: MASCULINIDADES NEGRAS E SUBALTERNIZADAS	20
<b>8</b>	<b>CRONOGRAMA</b>	21
	<b>REFERÊNCIAS</b>	21

## 1 INTRODUÇÃO

O racismo tem causado danos à vida da população negra quando isso não acontece é quase certo que a autoestima é destruída ou mesmo adoecida, Neuza Santos Souza (2021) já discutia isso em seu livro. O racismo é um sistema de discriminação e opressão baseado em categorias racializados, que privilegia certos grupos em detrimento de outros. A população negra tem sido alvo de preconceito, estereótipos negativos, discriminação institucional e violência racial. Esses danos podem ser observados em várias áreas da vida, incluindo educação, emprego, sistema de justiça criminal, saúde e bem-estar. No campo da educação, por exemplo, existem disparidades persistentes entre estudantes negros e brancos em relação ao acesso a recursos de qualidade, oportunidades de aprendizado e taxas de conclusão de estudos superiores. No mercado de trabalho, as pessoas negras enfrentam barreiras adicionais ao buscar emprego, sendo frequentemente discriminadas na contratação, promoção e remuneração. Isso resulta em disparidades salariais e menor mobilidade social para indivíduos negros. No sistema de justiça criminal, há evidências de viés racial nas abordagens policiais, prisões e sentenças. Pessoas negras têm maior probabilidade de serem paradas, presas e condenadas de forma desproporcional em comparação com pessoas brancas, mesmo quando considerados fatores como taxa de criminalidade. Além disso, a população negra enfrenta disparidades de saúde significativas. Acesso limitado a cuidados médicos de qualidade, desigualdades na saúde mental, taxas mais altas de doenças crônicas e mortalidade infantil são apenas alguns exemplos das consequências do racismo estrutural.

Neste sentido, compreender como o silenciamento em relação ao sofrimento psíquico, fruto do racismo acaba por frustrar os planos de homens negros e os deixa inertes diante de sua condição de vida conforme observa Frantz Fanon (2008). O silenciamento em relação ao sofrimento psíquico de homens negros é um fenômeno que ocorre quando as experiências e os desafios emocionais enfrentados por esses homens são minimizados, ignorados ou desconsiderados pela sociedade em geral. Esse silenciamento pode ocorrer por várias razões, incluindo estereótipos prejudiciais e expectativas de masculinidade que dificultam a expressão emocional dos homens em geral, bem como o racismo que afeta particularmente os homens negros. Os homens negros enfrentam uma série de pressões e traumas relacionados

ao racismo, discriminação e desigualdades sociais e econômicas, o que pode ter um impacto significativo em sua saúde mental e bem-estar.

No entanto, devido a ideias estereotipadas de masculinidade, conforme discute Miguel Vale de Almeida (1996), existe uma expectativa de que os homens sejam fortes, resilientes e capazes de enfrentar tudo sem demonstrar fraqueza ou vulnerabilidade emocional. Esse silenciamento pode levar os homens negros a não buscar ajuda para suas dificuldades emocionais, o que pode resultar em problemas de saúde mental não tratados ou subdiagnosticados. Além disso, a falta de representação e discussão aberta sobre a saúde mental dos homens negros pode perpetuar a ideia de que eles não sofrem ou que suas lutas não são válidas. Diante disso, lançamos as seguintes questões: por que os homens negros tem sua masculinidade subalternizada a ponto de lhes causar danos psíquicos? O que leva o homem negro ser maioria no sistema prisional?

Diante do exposto, este estudo tem por objetivo investigar, na contemporaneidade, os efeitos do racismo na vida de homens negros que esteve ou está em privação de liberdade. A privação de liberdade é uma realidade que afeta a vida de muitos indivíduos, incluindo homens negros. Quando combinada com o racismo, essa experiência pode ter efeitos profundos e duradouros na vida desses homens. A pesquisa será realizada por meio do método qualitativo, aliado à técnica de grupo focal.

A investigação tem como hipóteses demonstrar que o racismo e o sofrimento psíquico têm deixado marcas irreparáveis na vida de homens negros. Os homens negros muitas vezes enfrentam uma série de desafios únicos, como estereótipos negativos, estigmatização e injustiça racial, o que pode levar a um aumento da ansiedade, depressão, traumas e outros problemas de saúde mental. A constante exposição ao racismo pode resultar em um fenômeno conhecido como "feridas raciais" ou "trauma racial". Isso ocorre quando as experiências negativas relacionadas à raça se acumulam ao longo do tempo e causam danos emocionais duradouros. Além disso, a falta de acesso a recursos e oportunidades equitativas também pode contribuir para o sofrimento psíquico dos homens negros. A discriminação no acesso à educação, ao emprego, à moradia adequada e aos serviços de saúde mental pode agravar a sensação de desesperança e impotência.

É fundamental reconhecer e abordar essas questões de forma sistêmica, promovendo a igualdade racial, a justiça social e o acesso igualitário aos serviços de

saúde mental. Isso inclui a criação de espaços seguros e culturalmente sensíveis para que os homens negros possam buscar apoio, bem como a implementação de políticas que abordem as disparidades raciais e promovam a inclusão em todas as áreas da sociedade. Para isto, discutiremos a partir da produção intelectual de Lélia Gonzalez (1982), Sueli Carneiro (2023), Neuza Santos Souza (2023), Frantz Fanon (2008), Waldemir Rosa (1998), Faustino (2019), Rolf (2019), Miguel Vale de Almeida (1996), Aparecida Bento (2022) dentre outros.

A realização da pesquisa que ora intentamos pode ajudar a identificar os diferentes aspectos do racismo que contribuem para o sofrimento psíquico homens negros. Tal sofrimento pode estar associado a experiências de discriminação racial, micro agressões, estereótipos, falta de representatividade e oportunidades desiguais, como identificou Frantz Fanon (2008). Ao entendermos melhor os mecanismos subjacentes ao impacto do racismo na saúde mental, podemos desenvolver intervenções mais eficazes para apoiar os homens negros.

Quanto à metodologia utilizaremos método qualitativo, aliado à técnica de grupo focal. Essa combinação permite uma compreensão mais rica e contextualizada das opiniões, percepções e experiências dos interlocutores. O pesquisador pode obter uma compreensão mais profunda do fenômeno em estudo, enquanto permitem maior interação e o diálogo entre os participantes.

Os resultados esperados nesta pesquisa vão além de apenas uma investigação. Buscaremos métodos políticos, clínicos e pedagógicos, a fim de promover uma saúde mental como prática antirracista. É essencial criar conscientização sobre o impacto do racismo na saúde mental e promover a compreensão dos efeitos do racismo estrutural e sistêmico. Essas são apenas algumas das estratégias que podem ser consideradas para promover uma saúde mental antirracista.

O projeto em discussão é composto pela seguinte estruturação: introdução, problematização ou situação-problema, objetivos, hipótese, justificativa, referencial teórico, metodologia, cronograma de atividade, por fim, as referências bibliográficas.

## **2 PROBLEMATIZAÇÃO**

No período de mais ou menos 4 anos, ou seja, desde 2019, tenho observado a vida de alguns homens negros, especificamente, homens da minha



família, no que toca suas relações sociais antes a privação de liberdade e no pós-liberdade prisional. Ao ouvi-los informalmente, eles deixam claro que a experiência vivida tem sido traumatizante, pois o estigma como egresso do sistema prisional o faz carregar um peso enorme em suas costas. Acompanhei de perto um primo em específico, que estava em condição de liberdade assistida e como tal utilizava uma tornozeleira eletrônica. Em um dos momentos presenciei tal sofrimento ao acompanhá-lo à emergência de um hospital mental em Messejana, Fortaleza, capital do Ceará. Ele se encontrava em um estado de letargia no qual não conseguia sair de casa sozinho, não conseguia organizar a casa, não conseguia sair à procura de emprego e muito menos arcar com as despesas da casa, no momento, o mesmo morava sozinho. O mesmo saiu do hospital com encaminhamento para o CAPS, Centro de Atenção Psicossocial, em torno de seis meses depois, abandonou o tratamento.

A situação-problema abordada neste projeto de pesquisa a intersecção entre a experiência do homem negro, o racismo, o sofrimento psíquico e as masculinidades subalternizadas. De acordo com Fanon (2008), o homem negro não é um homem. Fanon (2008), faz tal afirmação ao justificar que os homens negros enfrentam um conjunto de desafios e adversidades devido à sua identidade racial e de gênero. O racismo presente na sociedade perpetua estereótipos e discriminação que impactam significativamente na saúde mental e no bem-estar desses homens. As masculinidades negras são frequentemente subalternizadas, ou seja, marginalizadas e desvalorizadas, em relação às normas da masculinidade hegemônica, conforme Restier (2019). Os homens negros são estereotipados como agressivos, perigosos, hipersexualizados ou associados a estigmas sociais, o que afeta sua autoimagem, autoestima e relacionamentos interpessoais (RAMOS, 2015).

Segundo Faustino (2018), os desafios apresentados para o homem negro no tempo presente têm evidenciado cada vez mais a necessidade de estabelecermos diálogos interdisciplinares pautados no compromisso ético e político. O racismo para Fanon (2008) é tanto um “produto” quanto um processo pelo qual o grupo dominante lança mão para desarticular as possíveis linhas de força do dominado, destruindo seus “valores, sistemas de referência e panorama social”: uma vez “desmoronadas, as linhas de força já não ordenam.

A explosão não vai acontecer hoje. Ainda é muito cedo... ou tarde demais. Não venho armado de verdades decisivas. Minha consciência não é dotada de fulgurâncias essenciais. Entretanto, com toda a serenidade, penso que é bom que certas coisas sejam ditas. Essas coisas, vou dizê-las, não as gritar. Pois há muito tempo que o grito não faz mais parte de minha vida. Faz tanto tempo... Por que escrever esta obra? Ninguém a solicitou. E muito menos aqueles a quem ela se destina. E então? Então, calmamente, respondo que há imbecis demais neste mundo. E já que o digo, vou tentar prová-lo. Em direção a um novo humanismo... À compreensão dos homens... Nossos irmãos de cor... Creio em ti, Homem... O preconceito de raça... Compreender e amar... (FANON, 2008, 25-26).

Fanon menciona que não está armado com "verdades decisivas" e que sua consciência não está repleta de "fulgurâncias essenciais", sugerindo que sua abordagem é mais cautelosa e humilde. Ele enfatiza que não está gritando essas coisas, mas sim as dizendo calmamente, indicando um desejo de promover a compreensão e o diálogo em vez de confronto e agressão. Ele afirma que há "imbecis demais neste mundo" e que tentará provar isso. Essa afirmação pode ser interpretada como uma crítica à ignorância, ao preconceito e à falta de compreensão entre as pessoas. Fanon expressa sua crença na necessidade de um novo humanismo, na compreensão mútua entre os seres humanos e na superação do preconceito racial.

Necessitamos de uma revolução social como possibilidade histórica, e principalmente, como condição para superação das alienações psico-sociais, como bem enfatizava, Neuza (SOUZA, 2021). As lutas sociais não poderiam ter êxito sem terem como ponto de partida, a realidade concreta em que surgem (BENTO, 2022). Trata-se, portanto, não de preservar ou resgatar as culturas outrora negadas, mas sim, ir ao seu encontro para ressignificá-las, na luta, em busca da emancipação efetiva e não apenas simbólica, conforme nos alerta Faustino (2018). Diante do exposto, como, na contemporaneidade, os efeitos do racismo na vida da homens negros, que esteve ou está em privação de liberdade, afetam seu bem-estar psíquico? Por que os pretos são maioria no sistema prisional? Quais são os dispositivos políticos, clínicos e pedagógicos que atuem no sentido de promoção de uma saúde mental em uma perspectiva antirracista?

### **3 OBJETIVOS**

A construção social das masculinidades desempenha um papel importante na vida de homens negros. A masculinidade hegemônica enfatiza a força, o controle emocional e a virilidade, deixando pouco espaço para que o homem possa expressar

sentimentos, emoções ou fragilidades, próprias dos humanos. Ao refletir sobre as condições de vida da maioria dos homens negros, é possível que a ausência desses atributos possa criar uma pressão adicional que, aliado a privação de liberdade, afete a sua saúde mental, já que os mesmos não possuem suas características valorizadas e socialmente aceitos. A partir das ideias acima destacadas, formulamos os seguintes objetivos:

### 3.1 OBJETIVO GERAL

Investigar, na contemporaneidade, os efeitos do racismo na vida psíquica de homens negros em privação de liberdade, de 18 a 29 anos e réu primário.

### 3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Compreender por que os negros são maioria no sistema prisional;
- Analisar a saúde psíquica de homens negros de 18 a 29 anos e réu primário, no contexto de privação de liberdade ou egressos do sistema prisional.

## 4 HIPÓTESES

O sistema prisional brasileiro revela os efeitos do período escravista, à medida que o número de negros e negras encarcerados é exorbitante quando comparados às pessoas brancas (BORGES, 2019). Neste sentido, supomos que a saúde psíquica da população negra é extremamente complexa, haja vista ser ela atravessada por uma série de fatores sociais, econômicos, históricos e raciais, modificados em decorrência dos contextos específicos de região, clima, cultura, etc. Assim, para refletir sobre o tema, lançamos algumas hipóteses:

- Demonstrar que o racismo e o sofrimento psíquico têm deixado marcas quase irreparáveis na vida de homens negros;
- O sistema prisional brasileiro tem maior quantitativo negro devido as desigualdades estruturais, advindas da combinação de fatores históricos, econômicos e sociais, sobretudo as mazelas associadas ao racismo;

- A saúde psíquica do homem do negro é agravada na ressocialização após viver a experiência no sistema prisional de situações de racismo, estigmatização, precariedade das condições de vida e, principalmente a violência psíquica.

## 5 JUSTIFICATIVA

A saúde psíquica da população negra foi e é agravada devido as condições vividas no período e no pós-escravidão da escravidão. Especificamente, o homem negro tem sido alvo das mais diversas atrocidades que causam marcas na subjetividade em toda população desse grupo, situação agravada quando se trata de sua masculinidade quando comparada com a masculinidade hegemônica. Neste sentido, evocamos aqui uma das intelectuais afro-brasileira que vem ganhando destaque, psicóloga Cida Bento que tem realizado, especificamente em seu livro *O Pacto da Branquitude* (2022) grandes contribuições à revelia de um sistema racista. Neste livro a intelectual nos traz luz sobre a forma como o pacto da branquitude não verbalizado e não combinado, está acordado para designar às pessoas brancas os melhores postos de trabalhos, o alcance das melhores camadas sociais, em detrimento do homem negro que, quase sempre a lugares subalternos, justamente porque esse pacto os faz acreditar que eles não possuem a estética adequada, a capacidade cognitiva e que não estão preparados para assumir cargos de chefias, mantendo-os dominados.

Infelizmente essa percepção que a sociedade brasileira tem reforçado durante ao longo dos anos, inclusive se arrastando até aos nossos dias, tem base da teoria do racismo científico que é uma prática já reconhecida pelo Movimento Negro Unificado, onde recebia dedicação de um médico brasileiro conhecido por Raimundo Nina Rodrigues. Salientamos que mesmo o intelectual tenha nascido no Maranhão, estado cuja população negra é majoritária. Em seu livro *As Raças Humanas*, o autor constrói argumentos–sustentam a existência de uma diferença entre as raças, em especial, entre a raça negra e a branca. Sobre a constituição mental do indivíduo o autor salienta:

A concepção espiritualista de uma alma da mesma natureza em todos os povos, tendo como consequência uma inteligência da mesma capacidade em todas as raças, apenas variável no grau de cultura e passível, portanto, de atingir mesmo num representante das raças inferiores, o elevado grau a que

chegaram as raças superiores, é uma concepção irremissivelmente condenada (RODRIGUES, 1957, p.28).

Na citação acima o autor propõe que a responsabilidade penal tenha tratamento diferente entre os grupos raciais, ou seja, as raças consideradas “inferiores”, povos negros e povos originários, e a raça considerada “superior” branca. Já para as pessoas mestiças poderiam compor uma exceção, apesar de sempre existir uma possível regressão desse grupo para as raças inferiores.

Felizmente, temos um aumento significativo de autores negros que conversam com a temática sobre masculinidades subalternizadas, as marcas psíquicas deixadas, sobretudo nas masculinidades negras, bem como os desafios frente ao racismo epidêmico brasileiro. O intelectual e sociólogo Alberto Guerreiro Ramos (1915-82), dedicou parte de sua vida a teorizar sobre as relações raciais e a política negra. Em seu livro “O problema do negro na sociologia brasileira” (1954), o autor polemiza com os ditos estudos tradicionais que tratam do “problema” racial no Brasil:

Em princípio, o negro, no domínio da sociologia brasileira, foi problema porque seria portador de traços culturais vinculados a culturas africanas, pelo que, em seu comportamento, apresenta como sobrevivência. Hoje, continua a ser assunto ou problema, porque tende a confundir-se pela cultura com as camadas mais claras da população brasileira. Neste ponto, é oportuno perguntar: Que é que, no domínio de nossas ciências sociais, faz do negro um problema, ou um assunto? [...]. Determinada condição humana é erigida à categoria de problema quando, entre outras coisas, não se coaduna com um ideal, um valor ou uma norma. Quem a rotula como um problema, estima-a ou a avalia anormal. Ora, o negro no Brasil é objeto de estudo como problema na medida em que discrepa de que norma ou valor? Os primeiros estudos no campo trataram das formas de religiosidade do negro. Terá, porém, o negro, entre nós, religião específica? Objetivamente, não [...]. Tem sido, também, considerada com frequência a criminalidade do negro. Terão, porém, o negro e seus descendentes criminalidade específica? Objetivamente, ainda não [...]. Por outro lado, careceria de base objetiva a afirmação de que o negro no Brasil manifestasse tendências específicas essenciais na vida associativa, na vida conjugal, na vida profissional, na vida moral, na utilização de processos de competição econômica e política. O fato é que o negro se comporta sempre essencialmente como brasileiro, embora, com o dos brancos, esse comportamento se diferencie segundo as contingências de região e estrato social. [...]. Nestas condições, o que parece justificar a insistência com que se considera como problemática a situação do negro no Brasil é o fato de que ele é portador de pele escura. A cor da pele do negro parece constituir o obstáculo, a anormalidade a sanar. Dir-se-ia que na cultura brasileira o branco é o ideal, a norma, o valor, por excelência (RAMOS, 1954a, p. 190-191).

Fica evidente nessa citação que o “problema” do negro no Brasil é em decorrência da cor de pele, e conseqüentemente, leva ao sofrimento psíquico na medida em que vive numa sociedade colonial e racista.

Após essa explanação do problema enfrentado no Brasil pela masculinidade negra, é importante trazer alguns dados sobre a violência no qual é acometidos os homens negros no estado Ceará. Segundo a Secretaria de Segurança Pública e Defesa Social do Estado do Ceará – SSPDS/CE, em 2019, das 31 das vítimas assassinadas no Estado, por meio de intervenção policial, 27 eram negras, incluindo pretos e pardos. Logo, esse dado representa 87% do total, segundo relatório da Rede de Observatórios da Segurança, divulgado no dia 9 de dezembro de 2020, com base nos registros da SSPDS/CE. Já no ano de 2022 do total, 136 pessoas mortas pela intervenção da polícia, 105 não tiveram a cor informada nos registros. O estudo classifica a omissão de dados como “inaceitável” e ressalta que o Ceará, talvez o faça encobrir uma realidade e reafirmar o discurso corrente de que no Ceará a população negra e indígena é ínfima. Ou ainda se ignora estas informações para que não se compreendo o quanto a violência policial é focada em determinados perfis bem conhecidos”, afirma o relatório.

A estrutura pela qual o racismo se constitui e as implicações traumáticas para a subjetividade do sujeito, sobretudo o homem negro e privado de liberdade, nos instiga a investigar os impactos do racismo, como uma determinante que moldam as estruturas sociais e raciais de grupos humanos específicos.

“A civilização europeia e seus representantes mais qualificados são responsáveis pelo racismo colonial”. (FANON, 2008, p. 88-89). O racismo, como sistema de opressão, tem efeitos profundos nas vidas dos homens negros. Ele opera em níveis estruturais e individuais, perpetuando desigualdades e discriminando grupos racializados. A exposição contínua ao racismo pode causar um sofrimento psíquico significativo. O racismo afeta a autoestima, a identidade e o senso de pertencimento das pessoas, gerando uma carga psicológica adicional. Esses homens muitas vezes enfrentam estereótipos negativos, estigmatização e falta de representação positiva na sociedade, o que pode levar ao desenvolvimento de problemas de saúde mental. Portanto, a pesquisa que busca por dispositivos no intuito de mitigar o sofrimento psíquico do homem negro, possui uma grande relevância social. Tendo em vista que a sociedade brasileira ainda não conseguiu desatar os nós do colonialismo.

Se os dispositivos de cuidado, em suas mais diversas abordagens, não estão atentos a essa realidade, correm o risco de configurar-se, tanto pela ação quanto pela omissão, em uma segunda experiência violência e negação. Se esta não for uma preocupação a ser encarada frontalmente quando nos deparamos com um país de via colonial como o nosso, mas que, sobretudo, que goza de uma maioria de população negra, seguiremos, a despeito de boas intenções e práticas, reproduzindo a lógica colonial. (FAUSTINO, 2020, p.93).

O racismo e as normas hegemônicas de gênero interagem para moldar as experiências de homens pertencentes a grupos marginalizados. Essa compreensão é fundamental para promover a equidade, a justiça social e o bem-estar psicológico das pessoas afetadas. Portanto, pelas razões explicitadas, justificamos a pesquisa sobre racismo, sofrimento psíquico e masculinidades subalternizadas.

## 6 METODOLOGIA

As masculinidades negras subalternizadas são moldadas pelas interações entre o racismo e as normas de gênero. Homens de grupos marginalizados enfrentam expectativas e pressões específicas relacionadas a sua masculinidade. Tais expectativas estão interligadas aos estereótipos atribuídas ao homem negro, a saber: a ideia de força, dominação, controle emocional e negação de vulnerabilidades e principalmente ligados à virilidade. A impossibilidade de atender a essas expectativas, combinada com a experiência do racismo, pode gerar um sofrimento psíquico adicional, já que o racismo tira antes de tudo a humanidade.

Para melhor ser desenvolvida a pesquisa utilizará o método qualitativo, aliado à técnica de grupo focal. O método na pesquisa será o qualitativo, a fim de compreender a saúde psíquica como prática antirracista.

### 6.1 TIPO DE MÉTODO

O método qualitativo busca qualificar os dados oriundo da pesquisa que será realizada, bem como, representa o *modus operandi* que devem ser seguidos para a realização da investigação. Minayo (2002), apresenta na metodologia noções de aproximação teórica, utiliza ainda, as técnicas que colaboram para o entendimento do que é real, se valendo de “um instrumento claro, coerente e elaborado” (MINAYIO,

2002, p. 16) possibilitando ampliar a resolução de problemas teóricos a partir das investigações desenvolvidas.

Para conseguir os resultados desejados a pesquisa utilizará o método qualitativo, que tem como objetivo compreender questões subjetivas da problemática investigada, além de focalizar na especificidade da temática e conceitos abordados. Além disso, o método qualitativo permite analisar organizadamente as narrativas que podem emergir da pesquisa de campo. A escolha do presente método dá-se em função do público escolhido, que são homens negros em privação de liberdade ou egresso do sistema prisional, tornando o resultado da pesquisa mais abrangente e ao mesmo tempo, indutivo por acreditar que as pessoas envolvidas podem estar mais familiarizadas com a temática. Desse modo, justificamos a escolha do método para a temática que será trabalhada, uma vez o método qualitativo é o mais adequado.

## 6.2 TÉCNICA UTILIZADA

A técnica da pesquisa para coleta de dados será o grupo focal auxiliada pela observação e anotações do caderno de campo acerca das questões que serão trabalhadas nas entrevistas. Nesse sentido, a construção dos dados teóricos resulta de dados empíricos levantados por meio das técnicas utilizadas no estudo. A técnica de grupos focais tem ascendido no campo das ciências sociais e humanas, sobretudo na pesquisa de âmbito social. É importante ressaltar que a eficácia desta técnica veio inicialmente no viés político, onde por meio de sua utilização no mapeamento e também na elaboração do perfil dos eleitores, influenciando diretamente na definição das diretrizes e ações de partidos e candidatos.

## 6.3 LOCAL DA PESQUISA

A pesquisa será realizada no Estado do Ceará. A escolha se justifica por ser o Ceará um dos Estados do Nordeste na abordagem, encarceramento e mortes de pessoas negras. Ademais, os interlocutores da pesquisa residem no Estado.

## 6.4 DESCRIÇÃO DAS PARTICIPANTES E CRITÉRIOS DE PARTICIPAÇÃO



A escolha dos participantes não é à toa, embora correspondam a 52% da população brasileira, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, os negros são as vítimas em 75% dos casos de morte em ações policiais; pretos pardos correspondem a 64% dos desempregados e 66% dos subutilizados. Além disso, a chance de um homem negro ser vítima de homicídio no Brasil é 2,5 vezes maior do que a de um jovem branco. Os números são estarrecedores e escancaram como o racismo pode atingir diretamente a vida da população negra. Essa escala é desigualdade também é refletida no sistema carcerário no país.

## **7 REFERENCIAL TEÓRICO**

### **7.1 A COR DO SISTEMA PRISIONAL**

O longo do século que sucederam à escravidão a população negra tem seus direitos negados pela sociedade brasileira, sobretudo ela tem permanecido longe das políticas de estado. O morador da favela, especialmente o homem negro, sabe como funciona a abordagem policial, ou seja, abordagem truculenta e opressora (ALMEIDA, 2018). Embora seja um assunto indigesto, é necessário assumir o papel de pesquisador/investigador para analisar os motivos pelos quais o sistema prisional brasileiro tem uma cor – negra. Será realizado um breve histórico sobre o racismo científico no Brasil.

A partir do século XIX no Brasil, inicia-se os estudos sobre a inferioridade física e mental dos negros e mestiços. Enquanto médico, Nina Rodrigues investe seus estudos para pesquisar sobre crimes, de loucura, de crenças religiosas da população negra, no intuito de concretizar com a intenção de comprovar suas hipóteses de inferioridade racial. Interessado na medicina legal, o mesmo buscou basear-se em criminalistas eurocêntricos, como o italiano Lombroso, Garófalo e Ferri. Tendo como princípio básico que os crimes cometidos por negros. Tais autores levavam em conta valores morais e noções de justiça. Sobre o tema Nina Rodrigues, ele afirma:

Os negros africanos são o que são: nem melhores nem piores que os brancos: simplesmente eles pertencem a uma outra fase do desenvolvimento intelectual e moral. Essas populações infantis não puderam chegar a uma mentalidade muito adiantada e para esta lentidão de evolução tem havido causas complexas. Entre essas causas, umas podem ser procuradas na organização mesma das raças negríticas, as outras podem sê-lo na natureza do *habitat* onde essas raças estão confinadas. Entretanto, o que se pode

garantir com experiência adquirida, é que pretender impor a um povo negro a civilização europeia é uma pura aberração (RODRIGUES, 1957, p.114).

Conforme a citação de Rodrigues, o movimento eugenista necessitava proliferar suas ideias em todo território brasileiro. Neste sentido em meados do ano de 1920, ocorreu em vários estados da federação, uma série de reformas educacionais no intuito de solidificar na sociedade os preceitos higienistas: “São Paulo (1920), Ceará (1922-1923), Bahia (1928), Minas Gerais (1927-1928), Pernambuco (1928), Paraná (1927-1928), Rio Grande do Norte (1925-1928) e Distrito Federal (1922-1926)” (GADELHA, 2009, p.189). Na época, foi feito um esforço dispendioso para instaurar na sociedade as noções de que o negro era inferior, o que justificava o fato de os mesmos residirem nas periferias, estarem nos sistemas prisionais e tudo que fosse sem valor no Brasil.

Juliano Moreira, médico, dermatologista e psicólogo, teve sua ascensão no período em que o racismo era disfarçado de ciência. O mesmo rebateu as teses de Nina Rodrigues, que usava a mestiçagem para legitimar o sofrimento psíquico, embora sua posição perante os médicos da época era minoritária. O autor comenta em relação a luta contra o racismo científico: “ridículos preconceitos de cores ou castas” (MOREIRA, 1906, p. 225-226). Suas críticas estão embasadas nas obras de Freud, já que ele possuía o domínio do alemão e havia feito uma avaliação crítica das obras de Freud.

Para Moreira (1920, p. 365-366), “no Brasil, em geral os colegas, em obediência à lei do menor esforço, aguardam que as ideias e as doutrinas passem primeiro pelo filtro francês para que dignamos a olhá-las contra a luz (...)” Assim, Dr. Juliano Moreira critica de forma contundente o fato de a medicina brasileira ser apenas subsidiária pela escola francesa; os intelectuais somente copiam sem considerar as diversidades culturais existentes no Brasil.

Destacamos que o sistema prisional reflete as desigualdades raciais, especialmente no tocante às populações carcerárias que desproporcionalmente compostas por pessoas de minorias étnicas, em especial negros e indígenas. Essa disparidade é resultado de diversas questões, como a seletividade policial, o preconceito racial, a falta de oportunidades socioeconômicas e a desigualdade no acesso à justiça.

## 7.2 SOFRIMENTO PSÍQUICO E PRIVAÇÃO DE LIBERDADE

Observando os homens negros com os quais convivo ouso a dizer que maioria deles demonstram possuir uma fragilidade na saúde mental, bem como insegurança, no que toca a sua masculinidade. Esse sofrimento psíquico refere-se à condição de angústia, dor emocional e psicológica que uma pessoa pode experimentar, especialmente quando se trata de homens e mulheres negros (SOUZA, 2021). Envolve uma variedade de sintomas e problemas emocionais, incluindo ansiedade, depressão, transtornos de estresse pós-traumático, transtornos de humor, transtornos de ansiedade, entre outros. O sofrimento psíquico pode ser causado por uma série de fatores, como eventos traumáticos, estresse crônico, problemas de relacionamento, perdas significativas, problemas de saúde mental, abuso de substâncias, entre outros. Cada pessoa pode responder de maneira única a esses desafios, e o sofrimento psíquico pode variar em gravidade e duração. Porém ainda há uma mazela a ser tratada, será abordada a seguir.

O encarceramento em uma mazela social, sobretudo para homens negros é um problema real e persistente. Existem várias razões que podem contribuir para o encarceramento em massa de homens negros, os fatores socioeconômicos desempenham um papel significativo. Muitos homens negros enfrentam desigualdades estruturais, como acesso limitado à educação de qualidade, oportunidades de emprego escassas, pobreza e segregação racial. De acordo com Sylvia Wynter (1994) o objetivo de Fanon “é libertar o homem negro de seu próprio senso de si, de sua identidade.” (WYNTER, 1994, p. 11 e 13). Em sua obra, Juliana Borges (2019) expõe as origens do sistema escravocrata e os seus efeitos na realidade brasileira. Esse contexto tem sido responsável pela manutenção da desigualdade social e do racismo bem como está vinculado a atuação do Judiciário a partir da lógica punitiva para a população negra. Assim, a autora afirma:

Abolida a escravidão no país, como prática legalizada de hierarquização racial e social, outros foram os mecanismos e aparatos que se constituíram e se reorganizaram [...] como forma de garantir controle social, tendo como foco os grupos subalternizados estruturalmente. (BORGES, 2018, p. 37).

A autora faz referência ao encarceramento massivo dos negros. A taxa de negros comparada à de brancos aprisionados tem crescido constantemente nas

últimas décadas. O sentido dessa superlotação, por certo, deve cumprir legitimidade e coerção do estado na violação de direitos, coadunando com a ausência de medidas a favor da ressocialização que incide diretamente na reincidência, demonstrando-se um sistema de justiça e criminal que não consegue solucionar os problemas sociais da população negra no Brasil.

### 7.3 DUPLO ESTIGMA: MASCULINIDADES NEGRAS E SUBALTERNIZADAS

As masculinidades negras e subalternizadas são frequentemente construídas em oposição às normas hegemônicas de masculinidade, normalmente baseadas em ideias eurocêntricas. Deste modo, a masculinidade do homem negro é forjada no contexto de sociedades colonizadas e como tal sofre as consequências ou os efeitos desta experiência (BENTO, 2002). No contexto das masculinidades negras, a subalternização ocorre devido ao racismo e à opressão racial presentes na sociedade (CARNEIRO, 2023). Essas formas de subalternidade podem ser observadas em várias esferas, como o mercado de trabalho, o sistema de justiça criminal e os padrões de beleza na masculinidade.

Os homens negros são estereotipados e associados a características negativas, como agressividade, periculosidade e hipersexualização. Esses estereótipos contribuem para a marginalização e a desvalorização das experiências de suas identidades como observa o autor:

Os símbolos de respeito, honra e autoridade são preferencialmente associados aos homens brancos, que a despeito de toda crítica teórica e política dos estudos de gênero e relações raciais em torno deles, tais símbolos se perpetuam no imaginário e na realidade concreta. O que não acontece com homens negros, que ao mesmo tempo que são também objeto de crítica, pouco espaço ainda é dado na literatura especializada brasileira e no espectro político para as contradições e potencialidades que permeiam suas experiências históricas e processos de masculinização. (RESTIER, 2022, p. 5).

Olhar para o homem negro com esta perspectiva de desumanidade alimentou na sociedade racista e branqueada o ideal de vê-lo ser tratado como mercadoria. É necessário desenvolver estratégias de enfrentamento para lidar com a opressão para que o homem negro possa afirmar suas identidades e novas narrativas

de masculinidade que valorizem a afetividade, a paternidade responsável, a sensibilidade emocional e a busca por relações igualitárias.

## 8 CRONOGRAMA

Quadro 1 – Calendário de atividades

Atividades	Período					
	1º mês	2º mês	3º mês	4º mês	5º mês	6º mês
Revisão Bibliográfica	x	x	X	x		
Fichamentos das bibliografias e recolha de dados	x	x	X	x		
Pesquisa de campo		x	X	x		
Análise de dados e discussão teórica		x	X	x	x	
Escrita da monografia		x	X	x	x	
Revisão do texto					x	x
Apresentação dos dados ou defesa pública						x

Fonte: elaborado pelo autor.

## REFERÊNCIAS

BENTO, Andréa Aparecida et al. Políticas de cotas raciais: conceitos e perspectivas. **Revista Eletrônica do Curso de Pedagogia das Faculdades OPET Ensaios Pedagógicos**, n. 12, p. 64-81, 2016.

BENTO, Cida. **O pacto da branquitude**. Companhia das Letras, 2022.

BORGES, Juliana. **Encarceramento em massa: Feminismos plurais**. (Org.) Sueli Carneiro. São Paulo: Editora Pólen, 2019.

CARNEIRO, Sueli. **Dispositivo de racialidade: A construção do outro como não ser como fundamento do ser**. – 1º Ed. – Rio de Janeiro: Zahar, 2023.

CAVALCANTI, Bianor Scelza; DUZERT, Yann; MARQUES, Eduardo. **Guerreiro Ramos: Coletânea de depoimentos**. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2014.

DE OLIVEIRA, Pedro Paulo. Discursos sobre a masculinidade. **Revista Estudos Feministas**, v. 6, n. 1, p. 91-112, 1998.

FAUSTINO, Deivison. Frantz Fanon: Um revolucionário, particularmente negro. 1º Ed. São Paulo: Ciclo Contínuo Editorial, 2018a.

FAUSTINO, Deivison. Frantz Fanon: capitalismo, racismo e a sociogênese do colonialismo. **Revista SER Social**, v. 20, n. 42, jan./jul., p. 148-163, 2018b.

FRANTZ, Fanon. **Pele negra mascarar brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008. Tradução de Renato da Silveira.

GONZALEZ, Lélia; HASENBALG, Carlos. **Lugar de negro**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

GORDON, L. **What Fanon Said: a philosophical introduction to his life and thought**. Fordham University Press Publication, 2015.

MINAYO, Maria C. **Pesquisa social: teoria e método e criatividade**. Petrópolis. Ed. Vozes, 2002.

MOREIRA, Juliano. A luta contra as degenerações nervosas e mentais no Brasil. **Anais Congresso Nacional dos Práticos**. Brasil, 1922.

MOREIRA, Juliano. Resenha de O pansexualismo na doutrina de Freud, de Franco da Rocha. **Anais Congresso Nacional dos Práticos**. Brasil, 1920.

RESTIER, Henrique. A masculinidade gangsta e seus contornos. **Revista Brasileira de Estudos da Homocultura**, v. 5, n. 16, p. 339-346, 2022.

RESTIER, Henrique. Diálogos contemporâneos sobre homens negros e masculinidades. Ciclo Contínuo Editorial, 2019.

Rodrigues, R. N. **As Raças Humanas e a Responsabilidade Penal no Brasil**. Salvador: Livraria Progresso, 1957.

RODRIGUES, Raymundo Nina. **As raças humanas e a responsabilidade penal no Brasil**. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisa Social, 2011.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social**. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

VALE DE ALMEIDA, Miguel. Gênero, Masculinidade E Poder: Revendo Um Caso Do Sul De Portugal. **Anuário Antropológico**, v. 20, n. 1, 2018, p. 161-89. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/anuarioantropologico/article/view/6602>. Acesso em: 29.jun.2023.

WYNTER, Sylvia. No Humans Involved: An Open Letter to My Colleagues. **Forum N.H.I. – Knowledge for the 21st Century**. v. 1, n. 1. 1994.